

UM VEXAME INACREDITÁVEL

Foi como se alguém convidado para uma festa de casamento cuspsse no chão da sala." Este infeliz comentário do ministro da Cultura e, por incrível que pareça, sociólogo, Francisco Weffort, resume a postura do governo diante da repressão promovida pela polícia baiana aos manifestantes – índios, negros, estudantes e MST – que tentaram protestar contra a festa que comemorou os 500 anos. Mas o ministro esqueceu de um detalhe: nenhum daqueles que sentiram na pele as bordunas da PM foi convidado para o rega-bofe oficial. As imagens de índios apanhando correram mundo, transformando o que poderia ter sido uma festa popular num fiasco com poucos precedentes.

A truculência começou no início de abril, quando a polícia destruiu, na calada da noite, um monumento-resistência dos índios pataxós, ainda inacabado, em Porto Seguro. No dia 22, o protesto pacífico de índios desarmados foi sufocado pela tropa de choque. Bombas de gás lacrimogêneo e granadas de efeito moral encerraram com violência o que era para ser apenas uma passeata. Perguntado sobre o porquê da repressão, FHC foi FHC: "Não fui eu que mandei." Enquanto a pancadaria não tinha critérios – 141 pessoas foram presas –, ele plantava uma muda de pau-brasil com o presidente de Portugal, Jorge Sampaio, rodeado por 200 ilustres homens brancos de terno. Para que as autoridades não fossem incomodadas pelo alarido dos excluídos, mais de 6 mil policiais foram acionados. Até a liberdade de ir e vir dos turistas foi violada: as estradas que dão acesso a Porto Seguro foram fechadas e ninguém entrava ou saía sem dar explicações ou ter um crachá.

Não foi só na hora de fazer a segurança que o governo meteu os pés pelas mãos. Boa parte do dinheiro gasto foi desperdiçado. A réplica da nau capitânia de Cabral custou R\$ 3,8 milhões e não saiu do lugar. A tentativa de ir de Salvador a Porto Seguro falhou por problemas no mastro e nos motores e a nau só deverá cumprir a rota em junho. O vexame foi motivo de piadas de brasileiro. Há cinco séculos, os portugueses da Escola de Sagres já cruzavam o mundo.

RESUMO Da Bahia para o mundo: Quem é mesmo o selvagem?

Apesar da violência, da total desorganização e de uma falta de sensibilidade histórica e social, a ira do Palácio do Planalto acabou caindo sobre a cabeça de um defensor do lado mais fraco. O presidente da Funai, Carlos Frederico Marés, que esteve o tempo todo com os índios e quase foi atingido por uma granada, pediu demissão e foi chamado de desleal pelo porta-voz da Presidência. O ex-presidente de Portugal Mário Soares deu uma aula de política aos nossos sociólogos: "Manifestações são normais em regimes democráticos." Mais uma lição do colonizador. A senadora Marina Silva (PT-AC) endossou: "Isso prova que a democracia só chegou na casa-grande. Na senzala ainda é ditadura."

INES GARÇONI

